



**“E EU NÃO SOU UMA INTELLECTUAL?”: TRAJETÓRIA E  
CONTRIBUIÇÕES DE CAROLINA MARIA DE JESUS À  
INTELLECTUALIDADE BRASILEIRA**

Carla Maria dos Santos Silva  
Programa de pós-graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP  
carla.maria.silva@usp.br

*A audácia caroliniana: uma referência para intelectuais negras*

Segundo o portal LiterAfro (2021), dedicado à literatura afro-brasileira, Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento-MG, em 14 de março de 1914. No início de 1923, foi matriculada no colégio Allan Kardec e estudou por dois anos. Mudou-se para São Paulo em 1937, e residiu, por anos, na favela do Canindé com seus três filhos – João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima. Mãe solo, trabalhou como catadora de papéis, ferros e outros materiais recicláveis nas ruas da cidade, sendo esta a sua única fonte de renda. Desde a infância desenvolveu o hábito da leitura e da escrita (FARIAS, 2017), e na fase adulta iniciou sua trajetória de escritora ao registrar o cotidiano do “quarto de despejo” da capital nos cadernos que recolhia do lixo, posteriormente transformados nos “diários de uma favelada”, cuja publicação se deu em 1960. O livro vendeu mais de cem mil exemplares já nas três edições e hoje acumula traduções para treze idiomas, distribuído em mais de quarenta países. Em vida, Carolina Maria publicou ainda mais três livros: *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), *Pedaços da fome* (1963), *Provérbios* (1963). E os volumes *Diário de Bitita* (1986), *Antologia Pessoal* (1996), *Meu estranho diário* (1996), *Meu sonho é escrever...contos inéditos e outros escritos* (2018), *Casa de Alvenaria. Volume 1: Osasco* (2021), *Casa de Alvenaria. Volume 2: Santana* (2021) e *Onde estas felicidade?* (2019) sendo publicações póstumas. A autora faleceu em um pequeno sítio, na periferia de São Paulo, em 1977, apesar de quase esquecida pelo público e pela imprensa, nunca teve esse fim nos espaços culturais da periferia em que seus textos e trajetória foram inspirações para coletivos, reuniões sociais e religiosas, como Movimento Negro e a Pastoral da Juventude Católica (FERREIRA, 2022, p.14).



É notável nos últimos anos um crescente interesse a respeito de Carolina Maria de Jesus, principalmente após o seu centenário de nascimento em 2014 com republicação de suas obras, por exemplo *Diário de Bitita* (2014) pela editora SESI-SP e a promoção de eventos em sua homenagem realizados em instituições que ampliem a recepção de obras sobre um artista, por exemplo, o evento “Carolina é 100” pelo Instituto Moreira Salles em São Paulo e a exposição “Centenário Carolina Maria de Jesus” no Memorial da América Latina. Ainda assim, no que concerne às produções acadêmicas e culturais apesar do aumento quantitativo, notamos uma restrita contingência visto a potência e importância das obras e trajetória da escritora para a literatura e sociedade brasileira.

A proposta deste texto, assim como a minha pesquisa de mestrado em andamento é justamente contribuir no estudo sobre a relevante produção caroliniana no campo intelectual brasileiro. No debate sobre as pesquisas acadêmicas que utilizam trabalho memorialístico-poético e vida pública de Carolina Maria como produtos culturais de representação acerca da realidade de uma época com outras evidentes contribuições da expressão artística da escritora, buscamos averiguar a referencialização de Carolina Maria como uma das precursoras em borrar o imaginário negativo que paira sobre a mulher negra destinada ao serviço braçal e/ou sexual (GONZALEZ, 1984).

Em um de seus manuscritos Carolina Maria afirma seu objetivo visceral de escritora quando diz: “Falavam que eu tenho sorte. Eu disse-lhes que eu tenho audácia. Eu tenho dois anos de grupo. Mas se eu sei escrever igual ao doutor eu procuro competir com o doutor” (MENEZES; BARRETO, 2023)

São as mãos catadoras de papel de Carolina Maria que audaciosamente reciclam a miséria de seu cotidiano e inventam para si um papel de escritora (EVARISTO, 2005), ela escreve acima das linhas da história oficial a sua maneira e referências e germina a potência de falar sobre si e um coletivo ao qual contemporaneamente a reconhece e a insere no movimento estudioso dos textos femininos negros, as quais abordam o sentido estético, mas também compreendem o sentido de luta contra a subjugação, como diz Conceição Evaristo, a partir da reflexão do fazer literário das mulheres negras compreende neles como “Toma-se o lugar da escrita como direito, assim como se toma o lugar da vida” (EVARISTO, 2005, p. 223)



Atribuída a proposta aqui de uma revisão bibliográfica verificamos que no campo acadêmico os recentes estudos sobre as contribuições de Carolina Maria de Jesus na sociedade brasileira a inserem como intelectual ao considerá-la uma das fundantes de uma Tradição Literária, uma vez que “Carolina instaura uma produção específica, cuja autoria se realiza por meio de um olhar de dentro” (EVARISTO, 2023, p. 294). É a autoria de seu texto negro-feminino contemporaneamente estudada por pesquisadoras comprometidas com a complexidade das opções éticas e estéticas que a identifica no movimento de produção de conhecimento de uma perspectiva própria, é na afirmação de si e de um coletivo que se faz existência suas narrativas, sejam elas históricas ou literárias, para além da concepção da História Oficial.

Utilizamos aqui o conceito de “campo” desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983) que o formula como um espaço de disputa constituído pelas relações de poder e dinâmica social, para ele os campos estão presentes nas diferentes áreas da sociedade, como a arte, a política e a intelectualidade. Uma das principais ideias de Bourdieu em relação aos campos é a noção de que eles são espaços sociais onde agentes individuais e institucionais competem por recursos e influência, nesse sentido os campos não são estruturas neutras, uma vez que são espaços constituídos por lutas de diferentes grupos e agentes em busca de reconhecimento através do acúmulo de capital, seja ele econômico, cultural ou social.

Nesse ponto de vista, é proposto a este texto investigar as disputas no campo acadêmico por intelectuais, especialmente intelectuais negras que assim como Carolina Maria e inspirada por esta escritora também trazem questionamentos e proposições de intervenção social em seus textos e em lugares de poder propõe abordagens e produção de conhecimento para novas gerações acadêmicas comprometidas na história intelectual de mulheres negras. Segundo Giovana Xavier cujo trabalho busca a invenção de uma comunidade científica fundamentada na tradição feminista negra:

*"Intelectual negra é a que pensa sobre suas experiências, organiza suas ideias e define sua realidade como sujeita da própria história. Uma condição ligada à subjetividade do corpo físico e da mente, que independe de diplomas ou de onde realiza seu trabalho"* (CONCEIÇÃO, 2022, p. 353)



Nesse sentido, observamos o alinhamento da audaciosa escrita original de Carolina Maria de Jesus com a presença de novas autorias, que através da sua própria linguagem disputam no campo de produção de conhecimento, seja histórico como literário, o seu espaço e simultaneamente quebra o paradigma deste local ocupado notadamente por criação de homens brancos (EVARISTO, 2023)

*Um recorte: Carolina Maria em pesquisas acadêmicas*

No que consiste ao campo acadêmico (BOURDIEU, 1983), a revisão bibliográfica se caracteriza como um processo de investigação e análise de fontes de informação existentes, com o objetivo de compreender o estado atual do conhecimento sobre um determinado tema ou área de estudo. A partir de uma rápida revisão bibliográfica para este texto percebemos que há uma condição histórica a respeito das pesquisas sobre Carolina Maria de Jesus. Após sua morte, poucas críticas literárias foram escritas sobre suas obras no século XX, há apenas um artigo de 1983 escrito pelo linguista e poeta brasileiro Carlos Vogt da Universidade de Campinas o qual aborda a temática do trabalho intelectual da artista.

Somente encontraremos a primeira pesquisa robusta de sua vida e obra na década de 1990 por dois historiadores, José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Levine, cujo interesse relacionava-se ao motivo do insucesso da artista em seu país de origem, tendo em vista que nos Estados Unidos ela não havia sido esquecida. Com o auxílio da filha de Carolina, Vera Eunice, e o contato com o jornalista Audálio Dantas, publicaram o livro *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus (1994)* que constitui de uma biografia a partir de artigos em geral, dados estatísticos a respeito de Carolina Maria e também depoimentos daqueles que a conheceram, além de dois textos inéditos da escritora: *Minha vida* e *Sócrates africano*. Após este livro, os professores publicaram dois anos mais tarde mais dois livros da artista, *Meu estranho diário (1996)* e *Antologia pessoal (1996)*, novamente contando com a ajuda da filha da escritora que entregou os manuscritos já organizados pela própria mãe antes de falecer. Este é um momento significativo, pois foi a primeira vez que uma obra completa de poesia da Carolina Maria foi publicada e comentada a partir de uma visão da poética autoral pois, até o momento havia apenas a publicação de poemas esparsos em jornais.



Como primeira biografia sobre Carolina Maria, José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Levine realizam um importante trabalho de garimpagem de notícias desta pensadora brasileira e seus livros em redações de jornais e revistas na cidade de São Paulo. Por conta dos documentos, muitas das vezes restritos ao período da publicação dos livros retratam que a poetisa foi descoberta por Audálio Dantas, algo já refutado por biografias mais recentes ao averiguar a presença de Carolina Maria em jornais com publicações de poemas antes da presença de Audálio (FARIAS, 2017)

Na obra Meihy e Levine ao estudarem a ascensão e queda vertiginosa de Carolina Maria atribuem a perda do prestígio a dois fatores essenciais, primeiro a “reação estranha da escritora em face da atitude impertinente da imprensa, da classe média paulistana e brasileira e da elite intelectual” (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 52). E a segunda, o momento da Ditadura Militar de 1964 em que houve uma queda drástica do prestígio de Carolina Maria uma vez que seu discurso em prol das pessoas faveladas e em condições de miserabilidade com crítica pública a ações do governo pela inércia às desigualdades sociais confrontam o discurso ufanista e modelo de desenvolvimento militar.

Assim como a dimensão da circulação e recepção de Carolina Maria e suas obras foram limitadas no período da Ditadura Militar de 1964, as possibilidades de pesquisa sobre a escritora também. Através do levantamento bibliográfico e uma busca pela fortuna crítica de Carolina Maria de Jesus identificamos no meio acadêmico um vazio de pesquisas até o final do século XX após a sua morte, e justamente a partir do período que o país passa por mudanças políticas, sociais e institucionais de reabertura democrática localizamos a retomada de uma quantidade significativas de pesquisas a respeito da poetisa, porém na maioria dos estudos concentram-se nas obras no gênero diário, algo que tem mudado nos últimos anos, talvez por motivo das obras de ficção até o presente momento não serem publicadas por editoras de grande circulação. Há dois livros, um de poesia, *Antologia Pessoal*, já mencionado, e outro com crônicas, *Onde Estaes Felicidade?*, este último foi gestado através do cultivo-movimento de mulheres negras periféricas cuja referência é a voz ancestral de Carolina Maria, estas mobilizaram por apoio e financiamento coletivo o renascimento da poetisa e a perpetuação da sua memória e relevância escrita.



No que diz respeito aos estudos de referência sobre Carolina Maria de Jesus no campo da Literatura, Elzira Divina Perpétua realiza uma importante pesquisa de doutorado em Literatura Comparada nos anos 2000 com o título “Traços de Carolina Maria de Jesus: gênero, tradução e recepção de ‘Quarto de despejo’” este trabalho no mesmo ano foi publicado em forma de livro com o título *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus* (2000). Perpétua em diálogo com o livro *Cinderela Negra* propõe o estudo a respeito do circuito social dos dois primeiros diários publicados por Carolina Maria de Jesus, e em diálogo com o artigo da Marisa Lajolo no livro *Antologia Pessoal* ela trabalha o aspecto estético da escrita de Carolina Maria e infere sobre as razões do êxito de *Quarto de Despejo* no Brasil e no exterior relacionados não apenas ao contexto propício da época em que o primeiro livro foi lançado, mas também aos mecanismos publicitários, editoriais e ideológicos que nortearam a seleção dos trechos para a publicação, como Meihy e Levine, a pesquisadora identifica que há uma criação do perfil predeterminado da artista. A pesquisa de Lajolo baseia-se num exímio levantamento documental com notícias de jornais e revistas a respeito do lançamento dos livros, a análise de reportagens antes das publicações e também debruça-se sobre as edições brasileiras e as traduções.

Algo importante de destaque sobre a estética da Carolina Maria na iniciativa destas primeiras escritas acadêmicas se valem também pelo debate da categorização das obras de Carolina Maria como literatura ou como relato testemunhal, no que consiste na segunda categoria, a produção caroliniana seria restrita a meramente memorialista e destinada aos estudos sócio-históricos a respeito do Brasil no período em que escreve. Entretanto análises como de Elzira Perpétua (2000) que identificam nos diários um trabalho de profunda preocupação da escritora não somente com a verdade do relato, mas também o alto nível de exigência e comprometimento estético e ético, passamos a vislumbrar Carolina Maria como a artista que foi e a potência de seus textos também como literatura. Participa-se então na cena outras produções da Carolina Maria possíveis de trazer a tona os debates da época sobre a autoria e a prática poética da artista nos versos que tece do cotidiano e se identifica em diversos temas além da miserabilidade, entre eles a feminilidade, maternância, a negritude e intelectualidade.

Carolina Maria não aceitava as proposições da época sobre ela, a escritora reconhecia em si o valor de seu tinteiro e gestação-palavras, buscava nos papéis para o



sustento também a criação de sua lírica inspirada na estética “de salão”, a pureza da linguagem, a nobreza de temas e elevação das figuras (PERPÉTUA, 2000), ela ansiava por palavras nos dicionários, leituras de obras canônicas e empenhava-se por atualizações das questões políticas. Carolina Maria, ainda segundo Perpétua, buscava ser reconhecida no Mundo das Letras e recorria a aproximações com os autores consagrados. Podemos ver a seguir que no próprio ato da escrita, essa exímia poetisa compara detalhes do seu cotidiano com outros escritores e os seus processos de escrita, nos trazendo a sua percepção e afirmação no ofício.

*2 de novembro de 1959*

*Oh! 5 cruzeiros abençoados comprei 5 de vârgem e curvei para catar umas fôlhas de repólho A Dona branca perguntou-me.*

- *Esta catando insto para comêr?*

- *É para eu fazer uma sôpa para os filhós. Ela deu-me. Agradeçi peguei a vagem e voltava para a favela. Tinha uns tomates numa banca pedi ao dono êle deu-me. pedi umas mandiocas a uma portuguêsa que estava desfazendo as canvas Ela queria 5 cruzeiros.*

- *Não tenho. Dôis feriadós seguidós atrapalha aos muambeirós*

*Ela ficou indecisa Tinha um mamão que jogaram fóra eu e a Vera comémós pensei: O Edgar Alan poe devia ter feito o que faço. ja que a fome é a sombra do poeta êle deve recorrer ao lixo. (JESUS, 1959, s/p; apud. PERPÉTUA, 2022, p. 127)*

Seja a partir da perspectiva de Perpétua como também da Lajolo, ambas concordam que Carolina Maria acessa uma “cultura da escrita” à maneira que pode e a partir disso gesta uma forma única de escrita literária, o que concerne as pesquisas são o fator da originalidade de Carolina Maria. Diz-se assim que teve acesso às franjas do universo letrado, para pesquisadoras na área da Teoria Literária a linguagem caroliniana advém de uma “sintaxe fraturada”, pois:

*contraditoriamente feita de anacronismo literário por imitação dos poetas românticos, como Casimiro de Abreu, e do testemunho de um membro das camadas subalternas de nossa sociedade, narrado a partir do ponto de vista de baixo, não cabia nos moldes das elites. Para a autora o preciosismo literário de Carolina em plenos anos 60, quando a literatura tentava se livrar do academicismo por meio de uma linguagem mais próxima do cotidiano, aliado a uma sintaxe fraturada, faz do seu texto um texto resistente, que não se deixa subsumir a um modo de leitura tradicional (SOUZA, 2004, p. 12)*



Ainda que Carolina Maria realizava um registro histórico e memorialístico no diário, como um depositário da verdade dos fatos dos quais é guardião, percebe-se também a sua lírica em diversas passagens, a tática da escrita de poemas entre os relatos e o artifício do uso rebuscado de palavras ao mesmo tempo que não se perde o estilo proverbial com linguagem cotidiana com o intuito de se aproximar também de seus leitores e manter o que acreditava ser o nível da alta literatura. Para a artista, os poemas são as produções de gêneros mais elevados e reconhece que a linguagem utilizada no diário não é a idealizada por ela (PERPÉTUA, 2022, p. 130).

Percebe-se a partir dos estudos aqui colocados que o fator de originalidade na escrita é o ponto chave para a compreensão da produção caroliniana pois este está relacionado com a própria origem da escritora, apesar das pesquisas em suas particularidades, seja na área da História ou da Literatura, recorrerem a conceitos e metodologias próprios como também análises das obras por interesses diferentes. Os estudos na área da História, por exemplo, identificam no registro caroliniano janelas possíveis de enxergar uma outra sociedade brasileira que não pela ótica hegemônica, até mesmo uma “quase invisível São Paulo” da segunda metade do século XX, justamente pela aproximação da oralidade da escritora em virtude do meio em que se faz enquanto criadora (PERES, 2007).

Desde a revisão historiográfica inglesa entre os anos 1960 e 1980 a partir de novos métodos e fontes documentais na disciplina histórica as pesquisas passam a concentrar-se mais nas experiências das pessoas comuns, nas classes trabalhadoras, nas mudanças e minorias sociais. Nesse sentido, vemos estudos comprometidos com agentes que viram e experimentaram a história a partir de baixo, foram tais vertentes teóricas como a de E. P. Thompson<sup>1</sup> nos anos 1980 que trouxeram novos ares aos estudos de escravidão e pós abolição no Brasil. Nas disciplinas das universidades brasileiras com esses “novos referenciais teórico-metodológicos difundiram-se em um contexto de consolidação do predomínio da História Social” (MACEDO, 2017).

---

<sup>1</sup> Edward Palmer Thompson (1924-1993) foi um historiador britânico conhecido por suas contribuições para a historiografia social e cultural. Ele desafiou as abordagens tradicionais da história e se destacou por seu trabalho inovador no campo da história social, especialmente por sua obra "A Formação da Classe Operária Inglesa", publicada em 1963. Este é um dos trabalhos mais influentes no âmbito da história social e cultural.



Ainda com a utilização dos registros oficiais, ou seja, aqueles produzidos ou sancionados historicamente por instituições, autoridades governamentais ou organizações formais, busca-se pelas frestas a experiência de vida, relações cotidianas e estratégias de sobrevivência de pessoas comuns. A historiadora Maria Cristina Wissenbach (1998) do departamento de História da USP, por exemplo, trabalhou em sua dissertação a partir de processos criminais, especialmente nos interrogatórios e cartas dos processos jurídicos as vozes das lavadeiras, quitadeiras, domésticas e trabalhadores de ofícios para então costurar o tecido social das terras paulistas entre 1850 a 1880.

Trabalhos como o de Wissenbach (1998) ainda assim sofrem dificuldade, justamente no limite de acesso a autoria da voz dos de baixo, pois concordamos com Saidiya Hartman que o “arquivo é inseparável do jogo de poder” (HARTMAN, 2020, p. 28). Não somente os arquivos da escravidão, mas também os registros oficiais do pós-abolição, repousam sobre uma violência fundadora, esta regula e organiza os tipos de afirmações que podem ser formuladas sobre a história e também cria sujeitos e objetos de poder (HARTMAN, 2020, p. 28), mesmo que ouvimos as vozes dos de baixo esta é abafada por um arquivo que afirma e autoriza a morte desses sujeitos na história.

Entende-se por isso, como as pesquisas historiográficas se interessam pelo acesso a um arquivo vivo de uma escrita autoral como de Carolina Maria de Jesus que catou papel-palavras, gestou ideias e inventou literatura, este é um repositório de preciosidades, tanto por imergir na gestualidade elementos da origem popular, sendo eles as temáticas do cotidiano e táticas de sobrevivência de um coletivo, como também um acesso íntimo do germinar poético da escritora individualmente, no que a nutriu no sentido da vida, mas também sobre aquilo que esteticamente ela auto-apresenta<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Retiro o conceito de auto-apresentação no texto de Conceição Evaristo “Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira”. Nele compreende-se a autoapresentação como ato de indivíduos negros se afirmarem e grafarem em suas próprias narrativas, contrapondo-se às representações estereotipadas ou limitadas frequentemente imputadas a eles pela sociedade dominante. Através da autoapresentação, as pessoas negras têm a oportunidade de contar suas histórias, expressar suas perspectivas e desafiar os estereótipos que frequentemente as definem. Nesse sentido, auto-apresentação é um ato de resistência cultural e política, uma vez que indivíduos e comunidades marginalizadas reivindicam sua voz e agência seja na literatura como também na na narrativa histórica e social.



*Táticas no campo intelectual: novos olhares sobre Carolina Maria*

Assim como encontramos um aumento significativo de pesquisas acadêmicas sobre Carolina Maria de Jesus, também notamos uma ampla propagação da sua imagem e importância como artista, intelectual e cidadã brasileira em outros espaços de validação de conhecimento, alguns exemplos são: a movimentação acadêmica na implementação de uma das obras de Carolina Maria de Jesus como leitura obrigatória nos vestibulares; as homenagens entre elas o título de doutora honoris pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2021 e a Festa Literária das Periferias (Flup) de 2020 “Uma revolução chamada Carolina”, onde houve a publicação de Cartas à Carolina Maria; o movimento editorial com novas publicação dos diários da poetisa a fim de valorizar sua escrita criativa original através de uma equipe plural e representativa de escritoras negras e presença da filha Vera Eunice; e a grande exposição “Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros” em 2021 pelo Instituto Moreira Salles

Tais espaços com grande capacidade de difusão galgaram a visibilidade da escritora em massa e um público maior passou a consumir ou a ouvir falar sobre Carolina Maria de Jesus. Mas foram os espaços de sarau, slam e cultura negra e periférica que seguiram potencializando a voz da poeta favelada (NASCIMENTO, 2006). Para Tula Pilar, por exemplo, Carolina Maria de Jesus não era meramente uma referência, mas sim a substância em seu ofício de poetisa, Pilar, que também trabalhou como empregada doméstica e via na caneta a possibilidade de existir e afirmar a si própria independente dos estigmas a sua origem social e condição de mulher negra na sociedade brasileira, de maneira única envolvia nas performances com os textos de *Quarto de Despejo* parte de sua própria trajetória que con(funde) com a de Carolina Maria e no tempo performático ambas são uma. Compreendemos no movimento de Literatura Periférica/Marginal, Tula Pilar como uma das escritoras negras e periféricas que gestam o renascimento de Carolina Maria e realoca esta ancestral em uma importante posição na Literatura brasileira, uma vez que esta através da ousada caneta-afirmação funda uma Tradição Literária na qual as sucessoras encontram também espaço de suas produções.

Também figuras consagradas na Literatura Brasileira tem refletido sobre Carolina Maria, Conceição Evaristo, por exemplo, diz:



*Bendita a determinação de Carolina Maria de Jesus em cumprir o seu destino. Fez-se poeta, escritora, dramaturga, letrista de canções e mais. Foi arguta da política e da sociedade da época. Perspicaz observadora, intelectual formada na prática, na vivência. Uma pensadora a partir da observação da vida (Evaristo, 2023, p. 293)*

Foi a bendita determinação de Carolina Maria que ecoou vozes em outras vozes passadas e presentes, percebemos assim como sua produção memorialista não exige o fator estético e lírico de sua poesia, foi tal determinação germinante em compilar, guardar, organizar, arquivar sua história e se firmar como escritora, propondo uma originalidade no sistema literário ao qual questiona o cânone, que floresceu em muitas outras Carolinas a potência de contar suas próprias histórias.

Nesta gestação caroliniana, Conceição Evaristo em diversos momentos afirma como os textos de Carolina Maria de Jesus foram inspiração para sua produção literária de “memória ficcionalizada”, especialmente em sua obra *Becos da memória* (2006), Evaristo conta como a leitura de *Quarto de Despejo*, também leitura de sua mãe, foi uma inspiração para criar o que a memória esquece. A autora no prefácio do livro em questão relata como são as lembranças e esquecimentos de experiências da família e sua na vivência da favela em Belo Horizonte que nutriu as páginas do livro:

*Tenho dito que "Becos da memória" é uma criação que pode ser lida como ficção da memória. E como a memória esquece, surge a necessidade da invenção.*

*Também já afirmo que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em "Becos da Memória" é verdade, nada que está narrado em "Becos da Memória" é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade, Na base, no fundamento da narrativa de que Becos está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever Becos foi perseguir uma escrevivência (EVARISTO, 2006, p. 11)*

Conceição Evaristo, escritora, doutora em literatura comparada e crítica literária, recentemente assumiu a Cátedra Olavo Setúbal de Artes, Cultura e Ciências no âmbito do Instituto de Estudos Avançados - USP onde teve como proposta de projeto entre 2022 e 2023 trabalhar o conceito de *escrevivência*, analisar desde o primeiro uso do termo, como se tem dado essa apropriação e pensar a *escrevivência* como aporte teórico para compor e ler objetos de pesquisa em vários campos de conhecimento. Para isso elaborou



um grupo de estudos, ao qual faço parte, intitulado *Corpus Estéticos em Diferença*<sup>3</sup>, composto por uma diversidade de integrantes, tanto em suas formações e experiências, quanto em suas áreas de pesquisa e momento na trajetória acadêmica.

Segundo Sueli Carneiro no evento de posse de Conceição Evaristo como catedrática em setembro de 2022 a presença de Evaristo no caráter de produtora de conhecimento na Universidade de São Paulo, uma das instituições com maior prestígio do campo intelectual brasileiro, caracteriza-se como um confronto ao epistemicídio acadêmico sonogado as nossas histórias e resistência negra. Carneiro prossegue na fala enfática como o histórico trabalho literário e intelectual de Conceição Evaristo é uma contínua disputa da produção e legitimação autoral de seu conhecimento também nos espaços científicos a fim de reivindicar o nosso direito à memória. E agora como catedrática também enfrenta o desafio da descolonização, a partir do aparato da *escrevivência* trabalhar com novas narrativas sustentadas em nossas experiências históricas que atualizam o ser negro no presente e diversificam nossas representações a partir das potencialidades.

De fato, não é a primeira vez que estudiosas negras comprometidas com o desenvolvimento de nossas epistemes em instituições de conhecimento ocorrem, ativistas acadêmicas já antes reivindicavam espaços no campo intelectual na luta por igualdade racial no Brasil, entre elas. Virginia Bicudo, Beatriz Nascimento e Lélia Gonzales. No entanto, é muito recente a presença de intelectuais negras em espaços de poder ao qual compreendemos como um movimento tático onde adentramos no campo controlado pelo inimigo, nos movemos num gingado coletivo e utilizamos das brechas para construir espaços de sobrevivência (EVARISTO, 2009)

Assim como Maria da Conceição Evaristo de Brito na USP, há outras intelectuais localizadas em polos de conhecimento como Giovana Xavier da Conceição Nascimento na Universidade Federal do Rio de Janeiro e Livia Maria Natália de Souza Santos na Universidade Federal da Bahia. Estas através dos grupos de pesquisa e estudos decidem o que propor em sua produção científica, qual abordagem e quais os sujeitos participante

---

<sup>3</sup> Para mais informações a respeito do Grupo de Estudos Corpus Estéticos em Diferença consultar o site:

<http://www.iea.usp.br/pesquisa/catedras-e-convenios/catedra-olavo-setubal-de-arte-cultura-e-ciencia/escrevivencia>



na construção dessa comunidade científica, movimentos que viabilizam caminhos alternativos de produzir e validar conhecimentos.

Este movimento no campo acadêmico e cultural onde verificamos a presença de sujeitos negros, especialmente as mulheres negras, historicamente marginalizados por aqueles que se ortogaram a legitimidade da fala e da escrita, mobilizam outros olhares para objetos de estudos já antes colocados, e até mesmo emergem novos paradigmas de investigação. É o que encontramos com o aumento quantitativo de pesquisas sobre Carolina Maria de Jesus nos últimos 20 anos, as quais propõe novas abordagens na historiografia que valorizam a potência inventiva caroliniana ao trabalharem com temáticas das subjetividades (COSTA, 2008), da memória (NEVES JUNIOR, 2016; STORI, 2020) e da experiência narrativa (SOUZA, 2016).

Podemos pensar que este interesse se originou de diversos fatores e agentes, mas compreendemos que um dos principais motivos e atores são os movimentos sociais onde Carolina Maria de Jesus nunca foi esquecida, foi no “renascimento” pelas mãos-movimento de grupos sociais (DINHA, FERNANDEZ, 2014), pela busca da Literatura Negra e Literatura Periférica (MEDEIROS, 2011) afirmarem uma autoria sobre a experiência do negro na sociedade brasileira que adentram os muros acadêmicos, fisicamente com a presença de sujeitos pesquisadores oriundos das camadas populares em espaços institucionalizados de produção intelectual, a partir dos esforços coletivos de garantia a vida, ao direitos sociais e ingresso nas universidades como movimentos de base periférica e cursinhos populares, mas também as políticas públicas e políticas econômicas, entre elas as cotas raciais implementadas a partir de 2012. Mas também há o caráter do capital simbólico da Literatura Negra e Literatura Marginal/Periférica que adentram como temas centrais para trabalhar nas instituições e mídias os assuntos interseccionados aos mobilizados em Carolina Maria, como por exemplo, favelização, desigualdades sociais e tanto a experiência quanto a estética própria do/a sujeito negro e sujeito periférico a partir dos anos 2000 (D'ANDREA, 2022).

### *Conclusão*

Neste texto buscamos indicar um debate sobre as recentes pesquisas acadêmicas a respeito de Carolina Maria de Jesus nas quais as temáticas dialogam com um movimento



também contemporâneo da presença de agentes no campo intelectual que disputam por novas perspectivas e abordagens a respeito de sujeitos cuja produção constituem-se por serem vistas a margem do cânone.

Especificamente nos estudos da estética caroliniana na área da Literatura e Linguística e as recentes pesquisas na área da História que valorizam os aspectos potencializadores das narrativas como representação do mundo social relacionado ao contexto histórico e social ao qual viveu, percebemos novas abordagens que expandem o olhar sobre a vida artística da escritora, onde também destaca-se a sua construção de identidade e afirmação existencial como produtora intelectual nos próprios moldes de escrita no período o qual viveu.

Consideramos que tais abordagens correspondem também à incipiente valorização das obras e trajetória de Carolina Maria no campo cultural, seja nos movimentos sociais como em instituições culturais, e no campo intelectual, nos espaços das universidades.

Entendemos, assim, que as táticas de escrita de Carolina Maria para se afirmar na sua própria linguagem dentro do Mundo das Letras aqui é vista numa inspiração a audácia de Carolina Maria e convocação à presença e luta de intelectuais negras, agentes em espaços de produção científica que no gingado coletivo buscam afirmação no espaço, e disputam no campo intelectual sua autoria e validação em estudos cujas experiências e vivências dos sujeitos negros historicamente e atualizadas na contemporaneidade.

#### *Referências bibliográficas*

BOURDIEU, Pierre. Campo de poder, campo intelectual. Buenos Aires: Folios, 1983.

CONCEIÇÃO, Giovana Xavier da. História Intelectual de Mulheres Negras: um novo “território existencial” historiográfico. Revista História Hoje, v. 11, n° 22, p. 349-365, abril, 2022

COSTA, Renata Jesus da. Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. São Paulo: Editora Dandara, 2022

DINHA; FERNANDEZ, Raffaella (Org.). Onde estaes Felicidade? São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.



EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. In: *Palmares Cultura Afro-brasileira*. In: Fundação Cultural Palmares - Ministério da Cultura, p.52-57. 2005.

\_\_\_\_\_. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

\_\_\_\_\_. *Dos Risos, Dos Silêncios e Das Falas*. In *Mulheres no Brasil – Resistência, lutas e conquistas*, (org.) Liane Schneidere Charliton Machado, João Pessoa: Editora Universitaria, UFPB, 2009

\_\_\_\_\_. *Carolina Maria de Jesus: solo fértil para uma tradição diversa*. In: *Catálogo da exposição Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros*. (org.) Hélio Menezes e Raquel Barreto. 2023

FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Male, 2017

FERREIRA, Amanda Crispim. *A poesia de Carolina Maria de Jesus: um estudo de seu projeto estético, de suas temáticas e de sua natureza quilombola*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HARTMAN, Saidiya. *Vênus em dois atos*. *Revista ECO-Pós*, v. 23, n. 3, p. 12–33, 2020. Trad. Marcelo R. S. Ribeiro; Fernanda Silva e Sousa.

JESUS. *Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Organização e apresentação de Audálio Dantas. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1960.

\_\_\_\_\_. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves: Editora Paulo de Azevedo Ltda, 1961.

\_\_\_\_\_. *Pedaços da fome*. Prefácio de Eduardo de Oliveira. São Paulo: Águila, 1963.

\_\_\_\_\_. *Provérbios*. São Paulo: [s. n.], 1963.

\_\_\_\_\_. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. *Meu estranho diário*. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Levine. São Paulo: Xamã, 1996.

\_\_\_\_\_. *Antologia pessoal*. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_. *Meu sonho é escrever... contos inéditos e outros escritos*. Organização de Rafaella Fernandez. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2018.

\_\_\_\_\_. *Casa de Alvenaria. Volume 1: Osasco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

\_\_\_\_\_. *Casa de Alvenaria. Volume 2: Santana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

\_\_\_\_\_. *Onde estaes Felicidade?* (org.) Dinha e Raffaella Fernandez. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014



LAJOLO, Marisa. Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina. In: Antologia Pessoal. (Org) José Carlos Sebe Bom Meihy; [revisão de] Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

LITERAFRO. Carolina Maria de Jesus: dados biográficos. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2021a. Disponível em:<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus> . Acesso em: 20 jan. 2022

MACEDO, Francisco Barbosa de. O (re)fazer-se da historiografia: a obra de E. P. Thompson na produção discente do Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp (1982-2002). 2017. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.8.2018.tde-08032018-130327. Acesso em: 2023-08-25.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus. 1994

MENEZES, Hélio; BARRETO, Raquel (org.). Catálogo da exposição Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros. SP: Ed. 2023

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. 'Literatura marginal': os escritores da periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.8.2006.tde-03092007-133929. Acesso em: 2023-08-14.

NEVES JUNIOR, Romildo Rodrigues. Identidade e memória em Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus: uma "história contada" acerca dos anos de 1920 a 1940, no interior do Brasil. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2019.

PERES, Elena Pajaro. Exuberância e invisibilidade: populações moventes e cultura em São Paulo, 1942 ao início dos anos 70. 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.8.2007.tde-16072007-104536. Acesso em: 2023-08-14.

PERPÉtua, Elzira Divina. X. IN: Carolina Maria de Jesus: percursos literários. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. A descoberta do insólito: literatura negra e periférica no Brasil (1960-2000). Tese (doutorado no Programa de Pós-graduação em Sociologia) Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011

SOUZA, Alessandra Araújo de. Do quarto de despejo à sala de visita: experiência e narrativa nos diários de Carolina Maria de Jesus (1955-1961). Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

STORI, Jessica Brisola. Quando infiltrei na literatura eu não anterior o pranto": a memória e a escrita de Carolina Maria de Jesus. Dissertação (Mestrado em História) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba, 2020



WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Sonhos africanos, vivências ladinas: escravos e forros em São Paulo (1850-1888). São Paulo, Hucitec/História Social, USP, p. 135, 1998.